

**VI SEMINÁRIO DE PESQUISA DOS  
ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO  
DEPARTAMENTO DE  
TEORIA LITERÁRIA  
E LITERATURA COMPARADA**

**CADERNO DE RESUMOS**

**SÃO PAULO**

**de 13 a 17 de abril de 2015**

## **Apresentação**

De 13 a 17 de abril de 2015, o Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH-USP) promove o VI Seminário de Pesquisa Discente em Teoria Literária e Literatura Comparada, com o objetivo de incentivar o debate acadêmico entre os pós-graduandos. As várias edições desse evento vêm mostrando que a apresentação das pesquisas perante um público mais amplo, bem como os comentários e a mediação dos debatedores convidados podem contribuir significativamente para o desenvolvimento dos trabalhos e propiciar uma maior interlocução no âmbito do Programa.

No total, serão 21 comunicações, divididas em 7 mesas. Complementando as atividades, o Seminário contará também com a palestra de abertura “Literatura e filosofia. A expressão do drama da liberdade em Sartre”, proferida por Franklin Leopoldo e Silva, professor aposentado do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, além de um debate e uma mesa-redonda, congregando pesquisadores experientes em seu campo de atuação: “Em torno da autoficção”, debate com a escritora e professora Paloma Vidal (UNIFESP) e com o escritor e doutor em Letras pela USP Ricardo Lísias, sob a mediação de Marcos Natali; e “Poesia: crítica e pesquisa”, mesa-redonda com os professores Leandro Pasini (UNIFESP), Roberto Zular e Viviana Bosi.

### **Pós-Graduação do DTLLC**

#### **Comissão Coordenadora do Programa (CCP)**

Professora Doutora Andrea Saad Hossne (Coordenadora)

Professora Doutora Ana Paula Pacheco (Vice-Coodenadora)

Professora Doutora Betina Bischof

Professora Doutora Marta Kawano

Professor Doutor Jorge Mattos Brito de Almeida

Professor Doutor Marcelo Pen Parreira

Daniel Glaydson Ribeiro (Representante Discente)

# **VI Seminário de Pesquisa dos Alunos de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP**

## **Coordenação geral**

Professora Doutora Andrea Saad Hossne

## **Comissão organizadora**

Carolina Serra Azul Guimarães

Eduardo Francisco Júnior

Ernesto José de Castro Candido Lopes

Fábio Roberto Lucas

Gabriel Salvi Philipson

Paula Alves Martins de Araújo

Renan Nuernberger

Sandro Roberto Maio

Talita Mochiute Cruz

Vinícius de Melo Justo

## **Secretários**

Luiz de Mattos Alves

Maria Netta Vancin

## **DTLLC – FFLCH – USP**

Av. Professor Luciano Gualberto, 403

Cidade Universitária - Butantã

CEP: 05508-010 - São Paulo - SP

Telefone: (11) 3091- 4893

E-mail: [postllc@usp.br](mailto:postllc@usp.br)

Site: <http://www.dtllc.fflch.usp.br/>

# PROGRAMAÇÃO

Local do Evento

**Prédio de Letras – FFLCH – USP**

Endereço: Av. Professor Luciano Gualberto, 403 - São Paulo – SP

Sala 102

**13 de abril – segunda-feira**

14:00 – 16:00 – Sala 102

**Palestra de Abertura: Literatura e filosofia. A expressão do drama da liberdade em Sartre.**

Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva (USP)

Mediação: Prof. Dr. Anderson Gonçalves da Silva (USP)

16:20 – 18:20 – Sala 102

**Mesa 1: Literatura e filosofia**

*Debatedor:* Prof. Dr. Anderson Gonçalves da Silva (USP)

*Participantes:*

Alexandre Francisco Solano (doutorado)

Daniel Santos Garroux (doutorado)

Eziel Belaparte Percino (doutorado)

**14 de abril – terça-feira**

14:00 – 16:00 – Sala 102

**Debate: Em torno da autoficção**

*Participantes:*

Ricardo Lísias (Escritor, doutor em literatura brasileira pela USP)

Paloma Vidal (Escritora, professora de teoria literária da UNIFESP)

*Mediação:* Prof. Dr. Marcos Natali (USP)

16:20 – 18:20 – Sala 102

**Mesa 2: Guimarães Rosa: mito e psicanálise**

*Debatedora:* Profa. Dra. Maria Augusta Fonseca (USP)

*Participantes:*

Daniel Cavalcanti Atroch (doutorado)

Mayara de Andrade Calqui (mestrado)

Nilson Joaquim da Silva (mestrado)

**15 de abril – quarta-feira**

14:00 – 16:00 – Sala 102

**Mesa 3: Literatura e história**

*Debatedor:* Prof. Dr. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari

*Participantes:*

Alessandra Lacerda da Silva (mestrado)

Rafael da Cruz Ireno (mestrado)

Ricardo Russano dos Santos (mestrado)

16:20 – 18:20 – Sala 102

**Mesa 4: Modernismo e forma**

*Debatedora:* Profa. Dra. Ana Paula Pacheco

*Participantes:*

Gabriela Siqueira Bitencourt (doutorado)

Sandro Roberto Maio (doutorado)

William Augusto Silva (mestrado)

**16 de abril – quinta-feira**

14:00 – 16:00 – Sala 102

**Mesa 5: Impasses do romance**

*Debatedor:* Prof. Dr. Homero de Freitas Andrade (USP)

*Participantes:*

Gabriel Salvi Philipson (mestrado)

Julian Fúks (doutorado)

Marcos Vinicius Ferrari (mestrado)

16:20 – 18:20 – Sala 102

**Mesa 6: Narrativa e memória**

*Debatedor:* Prof. Dr. Jefferson Agostini Mello (USP)

*Participantes:*

Ana Maria Cavalcante de Lima (doutorado)

Miriam Gado Fernandes Costa (mestrado)

Thiago dos Santos Martiniuk (mestrado)

**17 de abril – sexta-feira**

14:00 – 16:00 – Sala 102

**Mesa-redonda: Poesia: crítica e pesquisa**

*Participantes:*

Leandro Pasini (UNIFESP)

Roberto Zular (USP)

Viviana Bosi (USP)

16:20 – 18:20 – Sala 102

**Mesa 7: Brasil contemporâneo**

*Debatedor:* Prof. Dr. José Antonio Pasta Júnior

*Participantes:*

André Barbugiani Goldfelder (doutorado)

César Takemoto Quitério (doutorado)

Maria Luísa Rangel de Bonis (doutorado)

## RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES

**13 de abril – segunda-feira**

16:20 – 18:20 – Sala 102

### **Mesa 1: Literatura e filosofia**

*Debatedor:* Prof. Dr. Anderson Gonçalves da Silva (USP)

#### **Pensar com a tragédia: considerações acerca do gênero trágico em Eurípedes**

Alexandre Francisco Solano (doutorado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Adélia Toledo Bezerra de Meneses

Em um estudo consagrado ao lugar da história no pensamento humano, Carl Schorske afirma: “Pensar com a história não é o mesmo que pensar sobre a história, como uma forma geral de produzir sentido”. Numa posição análoga, o estudo das tragédias gregas, através da Teoria Crítica Literária, implica uma assertiva similar. “Pensar com a Tragédia”, antes de tudo, exige do analista um esforço que exceda o simples ato de descrevê-la ou recontá-la. Sua tarefa deve ultrapassar o empenho em narrar os mitos que, retomados e questionados pelo gênero trágico, adquirem novas concepções tanto no remoto contexto grego como nos dias de hoje. Nesse sentido, a presente comunicação objetiva discutir leituras eficazes quanto aos textos trágicos, em especial à obra *Medeia* (431 a.C), do tragediógrafo Eurípedes. Ademais, “pensar com a tragédia” não se reduz somente a uma visita ao contexto trágico dos gregos, entre os séculos VI e V a.C, mas também a um olhar atento em relação aos nossos conceitos de análise estabelecidos no presente.

*Palavras-chave:* Tragédia; Teatro Euripidiano; Ambiguidade Trágica.

## **Quem ri por último ri melhor - a figura do cínico no Sobrinho de Rameau, de Denis Diderot**

Daniel Santos Garroux (doutorado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Marta Kawano

A apresentação procuraria elucidar alguns aspectos literários, sociais e filosóficos da figura do cínico no diálogo *O Sobrinho de Rameau*, de Denis Diderot. A partir do comentário de trechos da obra e da breve reconstrução das principais posições assumidas no debate sobre o Cinismo na segunda metade do século XVIII (em textos do próprio Diderot e demais membros da República de Letrados, como D'Alembert, Rousseau e Voltaire), tentarei demonstrar que a obra coloca em cena, pela primeira vez no palco da literatura, o cínico moderno, marcando a posição dessa figura dentro de certa tradição literário-filosófica e perscrutando sua atualidade paradoxal. O surgimento do cinismo ilustrado será relacionado a mudanças históricas e sociais de amplo escopo e ao advento do projeto filosófico das Luzes. Em contraposição a interpretações que considero redutoras, buscarei mostrar que algumas vertentes do Esclarecimento já carregavam consigo seu contraveneno. Finalmente, proporei questões que dialoguem com os comentários que críticos ilustres dedicaram à obra, questionando a atualidade de seus diagnósticos diante das novas objetivações do cinismo contemporâneo.

*Palavras-chave:* Cinismo; Esclarecimento; Crítica

## **Deleuze e a literatura**

Eziel Belaparte Percino (doutorado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Regina Pontieri

A pesquisa tem como tema a questão da literatura na obra do filósofo Gilles Deleuze, considerando também a produção Deleuze-Guattari. É notório que os textos literários ocupam um lugar muito importante na obra deleuziana – seja sob a forma explícita de livros nos quais uma literatura específica é trabalhada (em *Proust e os signos*, *Apresentação de Sacher-Masoch* ou *Kafka: por uma literatura menor*), seja sob a forma genérica de numerosos trechos nos quais literaturas várias se apresentam, participando em inteireza ou não dos índices problematizados (em *Diferença e repetição*, *Lógica do sentido*, *Mil platôs* ou *Crítica e clínica*). Contudo, Deleuze não atravessa a literatura como um crítico literário, mas como um filósofo que conjuga o domínio filosófico com o não filosófico, sustentando a sua tarefa na criação de conceitos. O crítico, no sentido convencional, reflete sobre a literatura, entendendo-a como um lugar de incidência de ideias, enquanto Deleuze cria conceitos com a literatura, entendendo-a como um lugar de emergência de ideias. Em seu aspecto decisivo, a experiência deleuziana consiste, então, mais propriamente, em transformar em conceitos o exercício não conceitual de pensamento que existe na literatura, através de uma complicação, uma situação de com, que não é sobre; o conceito de complicação, segundo um de seus sentidos em Deleuze, exprime um estado, o das diferenças envolvidas ou implicadas umas nas outras, filosofia e literatura, assegurando a imanência do um ao múltiplo e do múltiplo ao um (co-implicação ou cofuncionamento).

*Palavras-chave:* Deleuze; Literatura; Filosofia e não filosofia.

**14 de abril – terça-feira**

16:20 – 18:20 – Sala 102

**Mesa 2: Guimarães Rosa: mito e psicanálise**

*Debatedora:* Profa. Dra. Maria Augusta Fonseca (USP)

**Igualdade na oposição: as misteriosas relações entre Riobaldo, Hermógenes e Diadorim.**

Daniel Cavalcanti Atroch (doutorado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Adélia Toledo Bezerra de Meneses

O diabo, como é sabido, representa a negação, o “outro” absoluto. Ao longo de sua extensa narrativa, o que Riobaldo mais nega é a forte atração que sente pelo amigo Diadorim. Por isso, as duas figurações do diabo mais significativas do romance, o mulato da infância e o Hermógenes, como buscarei demonstrar, insinuem a “sexualidade desviante” (na concepção do próprio narrador). Não à toa, estes personagens atuam, respectivamente, na passagem mais remota da estória (a travessia do rio de-Janeiro, episódio da infância de Riobaldo), e na mais recente (a batalha no “Paredão”, chefiada pelo chefe “Urutu-Branco”), fechando um ciclo, pois ambos os episódios possuem forte continuidade simbólica e representam momentos-chave na compreensão do caráter dos principais personagens envolvidos nas passagens em questão: Riobaldo, Diadorim e Hermógenes. Ao longo do romance, Riobaldo sugere uma continuidade corporal entre ele e Hermógenes: "o Hermógenes estava deitado ali, em mim encostado – era feito fosse eu mesmo", e uma continuidade "espiritual" com Diadorim: "Diadorim e eu, a sombra da gente uma só uma formava". Como veremos, os três personagens apresentam-se enredados na extensa elocução de Riobaldo, como seguimentos distintos de um mesmo “devir”: o corpo que “peca”, encarnado por Hermógenes, e o desejo que “move” o corpo, representado por Diadorim. A Riobaldo cabe a função de “campo de batalha” onde digladiam-se os dois princípios antitéticos e complementares.

*Palavras-chave:* Literatura brasileira, João Guimarães Rosa, Literatura e Psicologia

## **A descoberta das estórias como superação da perda em “Campo Geral”: Pingo-de-Ouro e Dito.**

Mayara de Andrade Calqui (mestrado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Cleusa Rios Pinheiro Passos

O primeiro capítulo da minha dissertação tem como objetivo a análise de "Campo Geral", primeira novela do ciclo de *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa, publicado em 1956. O recorte da investigação incide sobre a questão das perdas afetivas vividas por suas personagens, observando a maneira pela qual as superações e “ganhos” se configuram (ou não) ao longo da obra. Essas perdas se misturam às contextuais, pois o espaço do sertão que habitam é marcado pela precariedade em diversos níveis. Na tentativa de apreender o caminho percorrido pelas personagens, durante o processo de reelaboração de cada perda, alguns elementos da teoria psicanalítica de Freud (1900, 1917) são retomados, sem descuidar de traços do contexto sertanejo, todos responsáveis direta ou indiretamente por tais perdas, bastante comentados pela crítica rosiana.

Como exemplo da leitura empreendida, propõe-se a análise de dois episódios de perdas importantes para a configuração da narrativa selecionada: a morte da cachorra de estimação Pingo-de-Ouro e, posteriormente, a de Dito, irmão mais novo do protagonista Miguilim. Tais passagens oferecem ricas sugestões da maneira pela qual as elaborações afetivas se desenrolam inseridas nesse contexto ficcional específico.

*Palavras-chave:* Guimarães Rosa; Psicanálise; Perdas afetivas.

## **Riobaldo, Siruiz e o canto das águas**

Nilson Joaquim da Silva (mestrado)

*Orientador:* Prof. Dr. Marcus Vinicius Mazzari

Arrigucci Jr., em “O mundo misturado”, assim como outros críticos literários<sup>1</sup>, chamamos a atenção para a importância da enigmática canção de Siruiz no decifrar da “travessia individual” de Riobaldo e da “vasta poesia épica do sertão” no romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Para Arrigucci Jr., a balada contém “cifrada em suas palavras enigmáticas” o “destino de Riobaldo”. O objetivo de nossa pesquisa é, a partir da análise mitopoética e poético-literária dos versos da epifânica canção de Siruiz – e, após, também das glosas que o próprio Riobaldo fez para dar continuidade à canção –, decifrar o “destino individual” e o processo de aprendizagem do herói problemático Riobaldo. Para tanto, seguindo as pistas pela canção suscitadas, pretende-se um trabalho comparado entre o romance de Rosa e os textos *A Divina Comédia* e *Vita Nuova*, de Dante Alighieri, *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* e o *Fausto*, de Goethe, além de alusões a textos da Bíblia, da tradição fáustica e da tradição clássica e medieval. Pretende-se, por fim, evidenciar que Rosa pôs em relevo não só os aspectos mitopoéticos da canção, mas também incluiu e destacou importantes preceitos do romance de formação e desenvolvimento, ao cifrar nela a aprendizagem de Riobaldo.

*Palavras-chave:* Grande sertão: veredas; canção de Siruiz; mitopoesis; romance de formação.

**15 de abril – quarta-feira**

14:00 – 16:00 – Sala 102

**Mesa 3: Literatura e história**

*Debatedor:* Prof. Dr. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari

**A Literatura de Domingos Pellegrini Jr.**

Alessandra Lacerda da Silva (mestrado)

*Orientador:* Prof. Dr. Ariovaldo José Vidal

Sob a perspectiva de que texto e contexto só podem ser analisados e interpretados em um processo de fusão dialética entre contexto social e arte literária – ou seja, elementos externos integrados aos elementos internos que compõe a obra – torna-se crucial elencar e interpretar os elementos fundidos na constituição da obra *As sete pragas* de Domingos Pellegrini Junior, autor contemporâneo brasileiro.

O processo de formação do contexto cultural contemporâneo, diante de um recorte histórico que remonta o período da ditadura militar no Brasil, sofreu implicações e consequências que se desdobram até as décadas seguintes pós-período ditatorial.

Considerando-se o processo complexo de inserção da sociedade brasileira na modernidade e contemporaneidade, ambos os conceitos difíceis de serem definidos precisamente frente à complexidade da formação cultural no Brasil, a obra de Domingos Pellegrini nos apresenta e contribui com a crítica a alguns contextos sociais como, a vida na grande cidade, no campo, a relação indivíduo e coletivo, opressor e oprimido a situação da mulher, contextos onde revelam-se cenas e cenários da contração de um capitalismo dependente, subdesenvolvido e cruel.

O final dos anos 70 – período de reestabelecimento da democracia capitalista representativa – foi marcado por fatos contraditórios no processo de restauração de uma sociedade democrática, um desses fatos que é possível perceber na obra de Pellegrini, é a tentativa de conciliação entre a memória individual do passado obscuro do autoritarismo, e da formação de uma sociedade democrática.

*Palavras-chave:* Literatura, Domingos Pellegrini.

## **Rubem Braga e as *Crônicas da Guerra na Itália***

Rafael da Cruz Ireno (mestrado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Viviana Bosi

Pretende-se estudar as *Crônicas da Guerra na Itália* de Rubem Braga, pois essas narrativas propõem uma dinâmica diferente da prosa do cronista agora correspondente. O flâneur caminha entre obstáculos de entulhos e aquele olhar do velho narrador, que antes vagava distraído a espera de acasos, é encarregado de relatar um conflito. Busca-se investigar em que medida a nova condição afeta as resoluções estéticas dos textos, por conseguinte, quais as ressonâncias no estilo do autor. Igualmente, a obra é um importante documento histórico, já que conta a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, quer dizer, atesta (entre outras coisas): a aproximação política dos E.U.A., o fortalecimento do exército e o crescimento de um nacionalismo – elementos que, anos depois, seriam facilitadores do golpe de 64 por exemplo. Isto é, o livro apresenta duas questões inerentes a sua análise, a saber, uma tensão estética na própria configuração da obra e a sua relação com a realidade na documentação de um período relevante. Assim, a presente reflexão ambiciona contribuir para estudos acerca da obra de Rubem Braga, mas, além disso, problematizar a ideia de gênero híbrido, já que a crônica se confronta igualmente com uma esfera real e com outra ficcional.

*Palavras-chave:* Crônica, Guerra, Rubem Braga.

## **Franklin Távora e José de Alencar: duas visões brasileiras sobre o romance histórico**

Ricardo Russano dos Santos (mestrado)

*Orientador:* Prof. Dr. Eduardo Vieira Martins

A partir da análise de três romances históricos do século XIX a respeito da Guerra dos Mascates, conflito ocorrido em Pernambuco no início do século XVIII, busca-se entender a passagem do Romantismo ao Realismo no Brasil e a própria concepção de romance histórico em tal momento. Para isso, serão estudados os romances *Guerra dos Mascates* (1871), de José de Alencar, e *O matuto* (1878) e *Lourenço* (1878), ambos parte de um mesmo enredo, de Franklin Távora.

Os romances em questão são interessantes para entender o período estudado não apenas por se tratar de dois autores ficcionalizando o mesmo evento histórico, mas por esses dois autores terem polemizado a respeito da criação literária no episódio das Cartas a Cincinato, série de críticas de Távora aos romances alencarianos *O gaúcho* e *Iracema*. O conteúdo dessas epístolas enviadas para publicação pelo jornal *Questões do dia* versava sobre a verossimilhança das obras de Alencar, por isso nos parece profícuo confrontar os três romances históricos citados.

Por ser um tema muito extenso, a comunicação consistirá em uma apresentação do assunto, seguida de uma análise mais detalhada apenas dos dois romances de Távora.

*Palavras-chave:* Franklin Távora; José de Alencar; romance histórico; Guerra dos Mascates; Romantismo.

16:20 – 18:20 – Sala 102

#### **Mesa 4: Modernismo e forma**

*Debatedora:* Profa. Dra. Ana Paula Pacheco

##### ***Manhattan Transfer* e o modernismo norte-americano.**

Gabriela Siqueira Bitencourt (doutorado)

*Orientador:* Prof. Dr. Jorge de Almeida

Nessa apresentação, gostaria de comentar sobre o lugar que o romance *Manhattan Transfer* ocupa no movimento modernista norte-americano. Publicado em 1925, o quarto livro de John Dos Passos foi um marco para o desenvolvimento da tradição norte-americana do romance. A forma como se apropriou e transformou procedimentos das vanguardas artísticas das primeiras décadas do século XX, como a montagem e a colagem, fez desse experimento de realismo urbano uma tentativa única na tradição norte-americana de elaborar um vocabulário narrativo para organizar a experiência da metrópole no gênero do romance. A partir da apresentação de uma seleção de trechos da obra, gostaria de mostrar como o autor trabalhou com elementos da cultura de massa por meio dos procedimentos acima citados e como esse modo de apropriação se relaciona ao papel singular do modernismo norte-americano no cenário internacional.

*Palavras-chave:* modernismo; manhattan transfer.

## **Universo jornalístico e estético em *Um homem sem profissão* de Oswald de Andrade**

Sandro Roberto Maio (doutorado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Maria Augusta Fonseca

O trabalho pretende discutir aspectos relacionados com a formação do escritor Oswald de Andrade tomando por base sua última obra *Um homem sem profissão – Memórias e confissões – I volume – 1890-1919 – Sob as ordens de mamãe*, publicada em 1954, pouco antes de sua morte. Relato autobiográfico, a obra é repositório dos elementos formadores do artista, numa linguagem forjada a partir do exercício jornalístico e da depuração da expressão literária. Inicialmente, é possível distinguir duas formas de construção narrativa na obra: 1) o passado revisitado pela memória orientada por um sentido coletivo e histórico, em que os fatos e episódios da experiência afetiva, como a infância e a vida familiar, estão entrelaçados às transformações sociais do período, a partir de temas como a cidade de São Paulo, o ambiente cultural do início do século XX, o meio intelectual, o jornalismo, situações políticas e a primeira viagem a Europa; 2) a reelaboração do sentido da experiência íntima através da leitura e da transcrição de diários, álbuns, cartas e objetos consultados para a elaboração do texto, o que transfigura a narrativa na direção do ficcional, do fragmentário e do lírico. A partir daí, busca-se explorar questões da forma literária, os assuntos que constituem imaginário do autor e a multiplicidade que dirige o ponto de vista do narrador em relação ao seu passado. Entende-se que essa conjunção permite entrever o que subjaz, em termos históricos e estéticos, de sua formação e que constitui o cerne do primeiro volume de suas memórias.

*Palavras-chave:* Memórias; narrativa; jornalismo; literatura; Oswald de Andrade

## **Jorge Luis Borges e a tradição da “literatura como fato intelectual”**

William Augusto Silva (mestrado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Betina Bischof

Poucos escritores no século passado conseguiram forjar para si uma figura de autor tão poderosa quanto o argentino Jorge Luis Borges (1899-1986). Inseparável dos predicados de “irrealista” e “universal”, seu projeto consolidou também, não sem razoável conivência da crítica, a imagem do artífice exemplar: mestre absoluto da arte de narrar, tudo em suas criações estaria racional e rigorosamente determinado. Lido nessa chave, Borges estaria inserido numa tradição construtivista que remonta a Edgar Allan Poe e seu arquicélebre “Filosofia da composição” e culmina no modernismo, com nomes como Paul Valéry e James Joyce, entre outros. Sem pretender refutar semelhante imagem, a presente comunicação se propõe a discuti-la a partir de um ponto de vista crítico. Partindo inicialmente das próprias contradições do autor em relação ao tema, será analisado o lugar ambivalente que o contista norte-americano assume em sua obra. Por fim, perguntar-se-á em que medida há em Borges um espaço para uma crítica da racionalidade artística. Para tanto, serão feitas algumas considerações sobre o conto “El Zahir” (El Aleph, 1949), no qual o autor, reescrevendo um conto de Poe, parece lançar uma inesperada luz sobre a questão.

*Palavras-chave:* Jorge Luis Borges, Edgar Alla Poe, racionalidade estética.

**16 de abril – quinta-feira**

14:00 – 16:00 – Sala 102

**Mesa 5: Impasses do romance**

*Debatedor:* Prof. Dr. Homero de Freitas Andrade (USP)

**O que significa tornar-se autenticamente um escritor? – O contexto de elaboração do romance *O Mestre e Margarida***

Gabriel Salvi Philipson (mestrado)

*Orientador:* Prof. Dr. Marcus Vinicius Mazzari

Em nossa comunicação, queremos discutir alguns dos principais aspectos do contexto da elaboração do romance *Master i Margarita* (1940) de M. Bulgákov (1891 – 1940) à luz da questão que parece ter sido uma das mais inquietantes e centrais para Bulgákov, dada sua constante presença e centralidade em seus romances e peças: o que significa ser escritor? Torna-se um ao se dizer para si mesmo “a partir de agora, eu sou um escritor” (como ele fez ao abandonar o ofício de médico para dedicar-se exclusivamente à literatura)? Ou basta ser reconhecido pelos demais como tal?

O que tentaremos argumentar através de uma análise de sua carta a Stálin de 28 de março de 1930 é que, por volta de 1930, com a ascensão do stalinismo e sua nova política cultural, ao encontrarmos Bulgákov em um momento decisivo de sua vida, assim como de sua trajetória literária, podemos entender a reelaboração do projeto do romance, então chamado Fausto e Margarida, como uma nova e mais profunda resposta a essas questões.

Para ele, um dos mais aclamados autores do período, ser escritor no fim da tradição do romance russo moderno passa a significar não apenas a lamentação do exílio da realidade por eles retratados (a realidade pré-soviética russa), ou o ato de parodiar (no sentido largo de paródia) os seus grandes ídolos deste período, mas também a necessidade de colocar em jogo as questões filosóficas, morais, teológicas, sociais, etc., presentes nessa tradição. Se isso for verdade, teremos assegurado a possibilidade e necessidade de uma análise de seu romance que extrapola a relação com a sua vida, dando valor teórico também para a presença da tradição do romance moderno russo não somente no que diz respeito à forma literária, mas também ao aprofundamento de seu conteúdo.

*Palavras-chave:* M. Bulgákov, *O Mestre e Margarida*, vida e obra.

## **História abstrata do romance: das zonas de tensão no debate sobre o gênero.**

Julián Fuks (doutorado)

*Orientador:* Prof. Dr. Fábio de Souza Andrade

O romance não se submete a nenhum conceito prévio de viés excludente e também não responde a nenhum conjunto pronto de regras e procedimentos. Paradoxalmente, o romance parece só se definir pela negação, como muitos se arriscaram a dizer: sua marca é a ausência de marcas, sua regra é a ausência de regras, e só o que lhe é imutável é sua mutabilidade eterna. Talvez valha então a formulação inversa: negativamente, o romance só se define pelo paradoxo. No microcosmo do romance se enfrentam os muitos discursos do mundo e sobre o mundo, e ganha corpo a algazarra de vozes em que consiste nossa existência: cabe no romance, assim, a vastidão de conflitos de que somos feitos, uma infinidade de contradições e ambivalências que a palavra converte em paradoxos. Se não se pode definir o gênero, melhor será explorar suas mentiras, suas muitas provocações, suas questões mais prementes, tratando de cercar algumas das zonas de tensão em que ele insiste em se consumir: realismo e real, continuidade e ruptura, arte e moralidade, nascimento e morte.

*Palavras-chave:* Romance, Teoria do romance, Real, Realismo

## **Isaac Bábel: escrevendo a revolução em linhas tortas**

Marcos Vinícius Ferrari (mestrado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Betina Bischof

Em 1926, o escritor russo Isaac Bábel coligiu trinta e quatro contos, que versam sobre aspectos da guerra civil russa, e os enfeixou sob o título de *O exército de cavalaria*. É objetivo de nossa comunicação apresentar e discutir uma nova hipótese de leitura para essa obra de Bábel, considerando-a como um romance. Nesse livro, o escritor dá a ver a realidade de modo fragmentário, como um mosaico estilhaçado de diferentes vozes, pontos de vista e gêneros (narração, carta, relato oficial, prosa poética etc.). Ao iluminar um mundo sacudido pela voragem da revolução e cindido pela experiência da guerra, diante da impossibilidade de oferecer um retrato coerente e totalizante da experiência, esta surge destilada em pequenos contos, à primeira vista precariamente entrosados, que pretendemos ler como capítulos de um romance moderno. O exame da arquitetura geral de *O exército de cavalaria* e da articulação entre as peças narrativas do livro constitui passo importante para a compreensão da obra de Bábel, uma das mais significativas realizações da prosa soviética.

*Palavras-chave:* Literatura Russa, Prosa, Século XX, Romance.

16:20 – 18:00 – Sala 102

## **Mesa 6: Narrativa e memória**

*Debatedor:* Prof. Dr. Jefferson Agostini Mello (USP)

### **O narrador de História do cerco de Lisboa: a tentação do sapateiro**

Ana Maria Cavalcate de Lima (doutorado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Andrea Saad Hossne

Em *História do cerco de Lisboa*, tem-se o revisor Raimundo Silva, que, durante a revisão de um livro de História, sente-se tentado a lhe modificar uma das frases, tornando-a negativa: os cruzados não ajudaram os portugueses a conquistar Lisboa. A partir dessa negação, o romance dará ensejo a discussões a respeito dos limites, ou da falta deles, entre a narrativa histórica e a literária. Raimundo Silva, sob a responsabilidade de escrever uma nova história para o cerco, passará de personagem a autor de uma narrativa na qual os cruzados não ajudarão os portugueses a conquistar Lisboa. Durante o processo criativo da personagem, Raimundo Silva será acompanhado pelo narrador de *História do cerco de Lisboa*, promovendo este, também, uma reflexão e uma revisão da narrativa elaborada pelo revisor. Tem-se, assim, uma provocação, em vários níveis, às relações estabelecidas entre a narrativa histórica e a literária. Sendo a análise dos desdobramentos dessa provocação o objetivo geral desse momento da pesquisa ora proposta.

*Palavras-chave:* Narrador. História. Literatura. José Saramago.

## **O Sentido de um fim**

Mirian Gado Fernandes Costa (mestrado)

*Orientador:* Prof. Dr. Marcelo Pen Parreira

O narrador deste romance tenta retrair sua estória desde a juventude até a maturidade, em busca de melhor entendimento para os eventos mais marcantes de sua vida. A narrativa é marcada pela árdua tentativa de encontrar na rememoração dos fatos, elementos que tornem plausível, coesa e menos enigmática a própria vida. Através de uma troca insistente entre o tempo real e o tempo percebido, o narrador nos conduz por seus questionamentos: “existe algo mais plausível do que um segundo ponteiro do relógio? No entanto, basta o menor prazer ou dor para nos ensinar a maleabilidade do tempo... algumas emoções o aceleram; outras o retardam; às vezes ele parece desaparecer...”.

O foco analítico é o estudo da memória deste narrador desassossegado, a fim de entender como o tempo vai modificando tanto seu ponto de vista, quanto sua experiência. O trabalho se equilibra, em especial, sobre três elementos que ora se interligam, ora se misturam, mas se relacionam em permanente tensão: o tempo, a memória e o sentido. A investigação nos leva a um duplo desdobramento pela busca do sentido: a verdade possível dos fatos narrados que pode lhes conferir sentido, assim como a conseqüente reverberação deste sentido para a vida do narrador que, envolvido pela passagem do tempo – o cronológico e o subjetivo - insiste em driblar as falhas enganadoras da memória.

*Palavras-chave:* Narrador, tempo, memória, sentido; Julian Barnes.

## **Um romance desamparado - Nove Noites, de Bernardo Carvalho**

Thiago dos Santos Martiniuk (mestrado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Cleusa Rios Pinheiro Passos

“Nove Noites” (2002) é um romance de Bernardo Carvalho, autor reconhecido e premiado, ganhador do Prêmio Portugal Telecom de 2003, pelo livro citado. A narrativa conta a história de um homem que investiga a morte do etnólogo americano Buell Quain, que, de forma violenta, suicidou-se entre os índios no ano de 1939. A partir desse dado factual e empírico, o narrador inicia uma investigação obsessiva em busca de uma resposta para o enigma do suicídio. Nessa investigação, o que chama a atenção é o desencadeamento dos acontecimentos e a estrutura labiríntica do romance, tantas são as referências na trama. Em meio a tudo isso, a promessa de revelação das causas do suicídio permanecerá em suspenso. Em um tempo no qual falar em verdade soa a impropério e as experiências de indeterminação, ou crise da experiência (*Erfahrung*), imperam, uma narrativa que concede todas as soluções seria uma falácia. A falta de certezas e de uma verdade marcam a narrativa de Nove Noites. Uma aproximação com outra área do saber, a psicanálise, mais especificamente, com a noção de desamparo (*Hilflosigkeit*), permite uma hipótese interpretativa do romance.

*Palavras-chave:* Nove Noites; literatura contemporânea; psicanálise; desamparo.

**17 de abril – sexta-feira**

16:20 – 18:00 – Sala 102

**Mesa 7: Brasil contemporâneo**

*Debatedor:* Prof. Dr. José Antonio Pasta Júnior

**Coisas-mapa para homens cegos. Cenografias da voz e materialidades cruzadas em Nuno Ramos.**

André Goldfeder (doutorado)

*Orientador:* Prof. Dr. Roberto Zular

A comunicação irá apresentar os primeiros resultados de um percurso investigativo dedicado à obra literária do escritor e artista plástico Nuno Ramos (1960), estruturado a partir de três eixos sincrônicos de pesquisa. Trata-se, no eixo principal, de um estudo da voz no *corpus laborandi* composto pelos livros *Cujo* (1993), *O Pão do Corvo* (2001), *Ó* (2008) e *Junco* (2011). Ao mesmo tempo, esse estudo é informado pela remissão da textualidade enfocada ao sistema formal mais amplo que a articula ao trabalho de Ramos no campo das artes plásticas. Finalmente, um terceiro eixo desdobra os anteriores na direção da sondagem dos principais diálogos tecidos entre a obra estudada e problemas e propostas de destaque no panorama da poesia e das artes plásticas brasileiras, em seus desdobramentos modernos e contemporâneos, valendo-se, entre outras fontes, da análise de aspectos da produção ensaística reunida sobretudo em *Ensaio Geral* (2007). Em consonância com a atual etapa de pesquisa, a comunicação se deterá principalmente no primeiro e segundo eixo e apontará encaminhamentos ainda esboçados no que toca ao terceiro, sobretudo tendo em vista o diálogo de Ramos com a obra de Carlos Drummond de Andrade.

*Palavras-chave:* Nuno Ramos; literatura e artes plásticas; literatura contemporânea brasileira.

## **Alguns fantasmas d'"A causa secreta' de Sergio Bianchi**

César Takemoto Quitério (doutorado)

*Orientador:* Prof. Dr. Edu Teruki Otsuka

O objetivo dessa comunicação é articular certos temas derivados da teoria literária – em especial a maneira como a rarefação do público leitor no Brasil refluí para o interior das obras – para poder pensar como eles podem ser aproveitados na leitura de filmes como os de Sergio Bianchi. Tentaremos, depois de breve exposição desses temas, articular uma pequena análise de duas cenas de seu filme *A causa secreta*, uma vez que este apresenta na sua forma fraturas próprias à configuração artística de diversas obras da modernidade brasileira. Tratar-se-á de ler essas cenas-chave do filme à luz desses temas e questões, de modo a desentranhar uma polêmica ou um debate não só entre cinema e literatura e suas formas, mas um questionamento produtivo do próprio status da modernidade artística brasileira.

*Palavras-chave:* literatura brasileira; cinema brasileiro; forma artística; Sergio Bianchi; *A causa secreta*; público de arte no Brasil.

## **Gravei na memória mas perdi a senha – as memórias e os fantasmas que assombram um moribundo**

Maria Luísa Rangel de Bonis (doutorado)

*Orientadora:* Profa. Dra. Ana Paula Sá e Souza Pacheco

O que está contido no modo como Eulálio D'Assumpção, narrador do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque (2009), outrora patriarca, hoje decadente centenário, organiza suas memórias? A partir do discurso, do tom e do lugar de onde o narrador fala (preso a uma cama de um hospital público na cidade do Rio de Janeiro), pretende-se analisar como os preconceitos, as dores e os amores desse oligarca decadente tornam-se o percurso de uma classe brasileira.

Orgulhoso representante de sua classe social, Eulálio D'Assumpção desenrola a nobre estirpe de sua família. O apego ao poder por parte dessa elite política e econômica da qual a família de Eulálio fez parte é um dos fatos que mais dá sustância ao discurso mandatário de Eulálio no tempo presente – em suas memórias encharcadas com ranço de classe, o narrador tem motivos para acreditar que, de fato, seus antepassados tiveram o Brasil nas mãos. Porém, o lugar de onde fala o narrador atesta que, desse poder, só restaram mesmo as memórias. É neste descompasso que a forma narrativa de *Leite derramado* se fortalece.

Talvez grande parte da tentativa de Eulálio em se manter magnânimo se realize no fato de seu discurso desconsiderar os que estão ao seu lado: de onde chegam os com rosto desfeito, queimaduras, perna amputada, bala na cabeça? Eles pairam entre o passado glorioso e o desconforto do dia a dia do narrador e criam, tal como o mando que não se completa, uma matéria que não se resolve no discurso de Eulálio. Eulálio sobrepõe memórias de uma classe ao cotidiano encardido que ele nem sequer enxerga – como entender esse mando que não se completa, mas que ainda teima em ser potente?

*Palavras-chave:* literatura brasileira contemporânea; materialismo histórico; Chico Buarque.